

Para analistas, Brasil não corre risco de confisco bancário, como Argentina

Sistema financeiro nacional, que já foi saneado, tem muitos reais em caixa

Flávia Barbosa

• O Brasil não corre o risco de impor um confisco bancário a seus correntistas, como ocorreu na Argentina e está prestes a acontecer no Uruguai, vizinhos que passaram por agudas crises financeiras nos últimos 12 meses. De acordo com economistas e analistas, o sistema financeiro nacional é bastante sólido, passou incólume pelas sucessivas crises desde 1998 e tem a vantagem de só operar depósitos, empréstimos e investimentos em reais.

— O fato de países latino-americanos estarem em crise não significa que a natureza e a consequência dos problemas sejam as mesmas — esclarece Fernando Ferreira Pinto, da consultoria Global Invest.

Segundo os economistas, a peculiaridade da Argentina era

que os correntistas, mesmo recebendo em pesos, podiam movimentar recursos em dólares devido à paridade entre as moedas americana e local. Quando a situação econômica ficou crítica, houve uma crise de confiança: temendo perder dinheiro com a desvalorização, os argentinos fizeram saques em massa.

Quando a desvalorização ocorreu, o governo ainda transformou em pesos as dívidas que os bancos tinham a receber. Como eles pagam suas captações no exterior em dólares, houve um brutal descasamento entre receita e despesas, de US\$ 17 bilhões. Como o governo não emite dólares, não pode socorrer os bancos. Por isso a necessidade do chamado *corralito*.

— Aqui é muito diferente. Ninguém perde saldo no banco

porque o dólar subiu, então os recursos dos brasileiros estão preservados. Além disso, o governo é emissor de reais. Se houver crise de liquidez, o Banco Central do Brasil injeta dinheiro — explica Luiz Carlos Prado, da UFRJ.

Brasil tem a vantagem de já ter saneado bancos

No Uruguai, os saques ocorreram não porque o dólar disparou. A relação é inversa, explicam os analistas. A maior parte dos depósitos era feita em dólar pelos argentinos, que comandaram a onda de saques dos bancos quando a crise apertou em seu país. Houve, ao mesmo tempo, fuga de capitais do sistema financeiro e do país, levando o Uruguai a queimar reservas, o que pressionou o câmbio. Os uruguaios passaram então a desconfiar que os

bancos quebrariam e deram continuidade aos saques.

No Brasil, a confiança nos bancos é elevada, especialmente depois de o Programa de Reestruturação dos Bancos (Proer), criado em 1995, ter saneado o sistema financeiro. Mesmo com a crise dos fundos, no segundo trimestre deste ano, os recursos migraram dessas aplicações para a poupança.

Além disso, os bancos nacionais têm grande quantidade de reais em caixa, o que garante os depósitos dos correntistas. Só a implantação do Sistema Brasileiro de Pagamentos liberou R\$ 23 bilhões.

— Crise de confiança aqui, só se um grande banco estiver quebrando, o que não existe. O Brasil tem vários problemas, mas crise no sistema financeiro não é um deles — diz Sandra Utsumi, do BES Investimento. ■